

Capítulo 33

"Eu prometo ser seu porto seguro e guardar no fundo do meu coração nossa união e você. Prometo amá-la fielmente, renunciando a todas as outras, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, não importa o rumo que nossa vida tomar. Eu a protegerei e a respeitarei, e confiarei em você. Partilharei das suas alegrias e tristezas, e a confortarei quando preciso. Prometo cuidar de você, apoiar suas esperanças e seus sonhos e mantê-la segura a meu lado. Tudo que é meu agora passa também a ser seu. Dou-lhe minha mão, meu coração e meu amor a partir deste momento, até que a morte nos separe."

– *Você não a protegeu, Grey! Não a manteve segura. Você quebrou seus votos matrimoniais e agora ela está morta. Ela está morta e a culpa é sua!*- as vozes gritam em sua cabeça.

A mão pesada de Elliot, apertando seu ombro, tira Christian do transe. Ele olha em volta. Em um lado da sala, Ray tenta manter Carla em pé. Ela chora descontroladamente. No outro lado, Grace busca conforto nos braços de Carrick. Grace cobre a boca com a mão, enquanto tenta controlar as lágrimas.

– O que o senhor quer dizer com “encontraram um corpo”? É a Ana? – pergunta Elliot, tentando manter a calma. Christian permanece calado.

– Nós não temos certeza. – diz Clark.

– Como assim? – pergunta Carrick.

– Ela tem as características da Sr. Grey, mas nós não podemos afirmar com convicção antes de um reconhecimento.

– Então existe uma chance de não ser a Ana? – pergunta Ray.

– Sim, existe uma chance.

– Você ouviu, Carla? Pode não ser a Ana. – Ray sussurra no ouvido de Carla, que chora descontrolada.

– Eu preciso que um de vocês faça o reconhecimento. – diz Campbell.

– O que? Não! Não, eu não posso. E se for a minha filha? Eu não posso. – Carla grita, agarra a Ray.

– Sr. Steele?

– Eu... Eu não sei se ... – diz Ray, com a voz embargada.

- Eu faço. – diz Christian, sem emoção. Todos o olham.
- Christian, você não precisa fazer isso. – diz Elliot.
- Filho, eu posso ir. Você não precisa ver isso. – diz Carrick.
- Ela é minha esposa. Eu vou. – diz Christian, de forma mecânica. Grace se aproxima para abraçá-lo, mas Christian se esquivava, seguindo direto para a porta.
- Não se preocupe, mãe. Eu vou com ele.
- Não saia der perto dele, Elliot. Nem por um segundo.
- Pode deixar. E pai?
- Sim!
- Ligue para o Dr. Flynn. Faça-o chegar aqui o mais rápido possível. – diz Elliot, antes de correr atrás de Christian.

Todo o trajeto entre a casa dos pais de Ana e o IML de Portland é percorrido com um mórbido silêncio. Elliot não tira os olhos do irmão, que parece estar em estado catatônico. Christian permanece imóvel e com o olhar perdido. Seu rosto está pálido, como se não houvesse uma única gota de sangue em seu corpo. Elliot nunca viu o irmão tão devastado como agora. Ele reza, pedindo a Deus que o corpo encontrado não seja o de Ana, pois, caso contrário, ele tem certeza que Christian não sobreviverá.

O carro estaciona na garagem do instituto. Todos os homens desembarcam e seguem, em silêncio, pelo longo corredor que dá acesso ao necrotério. Assim que chegam à sala certa, o Detetive Clark para e bate na porta de metal. Segundo depois, um homem alto e negro aparece.

- Detetive Clark. – diz o homem.
- Dr. Evans, este é o Sr. Grey, ele veio fazer o reconhecimento do corpo. Sr. Grey, este é o Dr. Evans, médico legista.
- Sr. Grey, eu sei que este é um momento difícil.
- Nós podemos acabar logo com isso? – pergunta Christian, apático.
- Claro. Por aqui!
- Nós esperamos aqui fora. – diz Clark. Christian e Elliot seguem o Dr. Evans.

A sala do necrotério é gelada. Tudo na sala parece ser feito de aço inoxidável, exatamente como nos filmes. Todas as mesas de exames estão vazias, com exceção de uma. A última mesa, no fim da sala. Na última mesa, um corpo descansa debaixo de um lençol branco. A cada passo que dá, Christian sente suas pernas amolecerem. Seu pulmão começa a se comprimir. Ele sente como se seu corpo tentasse impedi-lo de ver o que há debaixo daquele lençol. Mais uma vez, ele sente a mão do irmão em seu ombro, dando-lhe o apoio silencioso que ele tanto precisa nesse momento.

Dr. Evans contorna a mesa, parando em frente a Christian e Elliot.

– Os senhores foram informados sobre o estado do corpo? – pergunta o legista.

– Não. – responde Elliot.

– Bem, assim que sua esposa foi sequestrada, Sr. Grey, a polícia enviou um alerta sobre as características dela. A vítima é caucasiana, 24 anos, cabelos castanhos, olhos azuis...

– Por favor, não a chame de vítima. – pede Christian.

– Me desculpe. Continuando, esta moça possui todas as características que sua esposa. Porém, devido ao estado ao qual ela foi encontrada, nós não pudemos afirmar com total certeza de que se trata da Sra. Grey.

– Como assim? – pergunta Elliot.

– Ela foi brutalmente espancada. A maior parte dos golpes foi desferido no rosto, o que tornou a identificação impossível. Nós poderíamos pedir um exame de DNA, mas o resultado iria demorar e isso poderia comprometer as buscas, caso a identificação seja negativa.

– Não foi mesmo possível fazer uma identificação visual? Digo, há mesmo necessidade do meu irmão passar por isso?

– Infelizmente sim. Ela sofreu fraturas em quase todos os ossos da face, há cortes e hematomas, ela está basicamente desfigurada. – diz Evans.

– Oh, merda. - Elliot sente a espinha gelar.

– Eu vou precisar expor mais do que o rosto, para que o senhor possa fazer a identificação. Então, Sr. Grey, o senhor está pronto?

– Sim. – diz Christian, fechando os olhos e respirando fundo. Elliot sente o irmão tremer.

Lentamente, o Dr. Evans vai removendo o lençol que cobre o corpo em cima da mesa. Quando o rosto da jovem é exposto, Elliot não consegue evitar a repulsa. Ele desvia o

olhar, mas aquela imagem ficará gravada em sua cabeça. O legista descobre a moça até a barriga.

– Sr. Grey, se o senhor puder olha agora... – diz o médico.

Christian respira fundo mais uma vez, antes de abrir os olhos. Ele olha para o corpo por alguns segundos, até que uma onda de tremores incontroláveis o atinge. Ele sente um jorro de suco gástrico e bile subirem por seu esôfago de maneira violenta. Cambaleando para trás, Christian corre em direção a uma das pias de inox e, debruçado sobre ela, vomita incansavelmente. Apavorado com a reação do irmão, Elliot corre para junto dele. Com um dos braços em torno da cintura de Christian, ele ajuda o irmão a se manter em pé. Com a outra mão, Elliot esfrega as costas de Christian, enquanto ele continua a vomitar.

Quando não há mais nada para ser posto para fora, Christian perde a força nas pernas e desaba no chão. Ele leva as mãos à cabeça, enquanto lágrimas brotam em seus olhos. Elliot ajoelha ao lado do irmão.

– Meu Deus, Christian! Eu não sei o que dizer, eu sinto muito. Eu sinto muito mesmo. – diz ele, desesperado, enquanto Christian tenta recuperar o controle sobre sua respiração.

– Não... – Christian balança a cabeça, ainda sem fôlego. – Não é ela... Não é a Ana!

– O que? – Elliot fica confuso.

– Não é a Ana.

– Você tem certeza?

– Sim.

– Sr. Grey, o senhor tem mesmo certeza de que não é a Sra. Grey? O senhor só olhou por alguns segundos. – pergunta o legista.

– Eu conheço a minha esposa e conheço cada centímetro do corpo dela. Eu estou dizendo, não é ela.

– O senhor pode realizar o exame que quiser, mas se meu irmão está dizendo que não a esposa dele, é porque não é. Ninguém a conhece melhor do que ele.

– Tudo bem. Eu vou informar aos detetives. – diz Evans, saindo da sala. Christian cobre o rosto com as mãos, enquanto tenta controlar as lágrimas.

– Ei, mano, não fica assim! Não é a Ana. Está tudo bem!

– Mas podia ser. Podia ser a Ana, Elliot. Minha esposa, minha Ana, ela podia...

– Mas não está! Ela está viva, Christian. Você não pode desistir agora.

– Eu a quero de volta! Eu dou tudo que eu tenho, eu dou a minha vida para tê-la de volta.

– Eu sei! Nós vamos trazê-la de volta. Eu juro! – diz Elliot, confortando o irmão com um abraço.

O caminho de volta para a casa dos pais de Ana também é silencioso. Apesar do alívio da identificação negativa do corpo, Christian não parece estar mais tranquilo. O silêncio é quebrado por alguns minutos, quando Elliot liga para o pai.

– *Alô! Elliot?* – atende Carrick.

– Oi, pai!

– *E aí?* – pergunta ele, ansioso.

– Não é ela, pai. Não é a Ana.

– *Vocês têm certeza?*

– Sim, não é a Ana.

– *Carla, Ray, não é a Ana!* – ele anuncia. Elliot pode ouvir o alívio e a comemoração do outro lado da linha. – *Onde vocês estão?* – pergunta Carrick.

– Nós estamos voltando.

– *Como está o Christian?* – pergunta Carrick. Elliot olha para o irmão.

– Nada bem.

– *Venham logo para cá. Nós cuidaremos dele.*

– Estamos indo. Até mais! – diz Elliot, desligando o telefone.

Trinta minutos depois, Christian e Elliot entram pela porta da casa de Carla e Ray. Grace pula do sofá onde está sentada e corre para abraçar o filho.

– Oh, meu filho! Meu menino! – ela aperta o filho contra o corpo. Christian a abraça quase sem forças.

– Grace, leve o Christian para se deitar um pouco. Ele precisa descansar. – diz Carrick.

– Sim! Vamos, meu bem. – diz Grace. Christian segue a mãe sem contestar.

Assim que estão sozinhos, Carrick e Elliot conversam.

– Como foi?

– Horrível! Ele passou mal, eu quase passei mal. Pobre garota! O que fizeram com essa menina foi uma barbaridade.

– Você acha que pode ser a mesma pessoa que está com a Ana?

– Eu não sei, pai. Mas a menina era muito parecida com a Ana, fisicamente. Qualquer um de nós teria dito que era a Ana.

– Pode ter sido um aviso, algo para nos assustar. Desestabilizar o Christian, para deixá-lo apavorado.

– Se foi isso, então funcionou. Eu nunca o vi daquele jeito.

– Eu nunca imaginei que um filho meu teria que passar por isso.

– Onde está o Flynn? Vocês conseguiram falar com ele?

– Sim, ele já está a caminho. O Taylor mandou o jato ir buscá-lo.

– Ótimo! E as investigações?

– O Sawyer esteve aqui, logo que vocês saíram. Ele ficou abalado quando dissemos que vocês tinham ido reconhecer um corpo.

– Ele é o segurança pessoal da Ana, é de se esperar que ele tivesse essa reação.

– Nem ele, nem o Taylor pararam de procurar. Nem por um minuto. O Welch e o Barney estão no hotel, analisando as câmeras de segurança.

– O Christian tem funcionários muito leais e eficientes.

– Eu só espero que isso seja suficiente para encontrarmos a Ana.

– Eu também.

Chegando ao quarto, Christian e Grace encontram Ray e Carla. Os dois brincam com a neta, tentando distraí-la.

– Papa. – chama Ella, ao ver o pai.

– Oi, princesa. - Christian faz um esforço sobrenatural para sorrir para a filha. Ella estica os braços, querendo ir para o colo do pai.

– Agora que o papai chegou, você não quer mais saber da vovó, nem do vovô. – diz Carla, e Christian percebe que a sogra se esforça para parecer bem para a neta.

– Ela está bem?

– Sim, ela tomou a mamadeira toda que a Carla preparou. – diz Ray.

– Isso é ótimo.

Os dois se levantam da cama, dando espaço para Christian e Grace. Antes de sair, Carla dá um beijo delicado no rosto do genro. Sozinhos no quarto, Grace observa Christian embalar a filha.

– Você é tão bom com ela. Um excelente pai.

– Ela é a única coisa que me mantém vivo nesse momento.

– Querido, você precisa comer alguma coisa. E dormir um pouco.

– Eu não posso.

– Christian, você não dorme, nem come nada há quase 30 horas.

– Mãe, por favor.

– Meu filho, eu estou tão preocupada com você. Eu estou vendo você definhar diante dos meus olhos, e não poder fazer nada para te ajudar está me matando. Eu me sinto tão impotente.

– Me desculpe fazer você se sentir desse jeito, não era a minha intenção.

– Não, querido, não se desculpe. Você não fez nada. Eu sou sua mãe e sempre vou me preocupar com você. E vê-lo assim, sofrendo desse jeito, parte o meu coração. Eu te amo tanto, filho.

– Eu sei, mãe. Obrigado por estar aqui comigo. Eu não sei o que faria se vocês não estivessem aqui.

– Nós somos sua família, Christian. Nós sempre estaremos aqui pra você. – Grace acaricia o rosto do filho.

– Mãe, e se ela...

– Shhhh, ela não está! Olhe para o seu peito. Olhe para essa criança encostada no seu peito. A Ana é mãe! Ela vai lutar, ela vai brigar com todas as forças, ela não vai desistir. Ela vai voltar para a filha dela. Ela vai voltar para você.

– Eu preciso que você esteja certa, mãe. De verdade. – a conversa dos dois é interrompida por batidas na porta.

– Posso entrar? - pergunta o Dr. Flynn.

– John! Claro, entre. – diz Grace, respirando aliviada. – Eu vou dar um banho na Ella e tentar colocá-la para dormir. – diz ela, pegando a neném no colo e saído do quarto, deixando os dois homens sozinhos.

Em pé ao lado da porta, Flynn observa Christian. Os dois permanecem em silêncio por alguns minutos, até que o médico começa o assunto.

– Eu soube o que aconteceu. Eu sinto muito, Christian.

– Você não veio de Seattle à Portland só para me dizer que sente muito, não é?

– Não.

– Eles te mandaram aqui porque estão com medo que eu tenha outro ataque de pânico?

– Eles estão preocupados com você.

– Eu sei.

– Então, você quer me dizer como está se sentindo?

– Como eu estou me sentindo? – Christian dá um sorriso sarcástico. – Você sabe o que eu fiz hoje, John?

– Não, não sei.

– Hoje eu fui ao IML fazer o reconhecimento de um corpo, para saber se era ou não a minha esposa. Eu acho que você já consegue saber como eu estou.

– Sim, eu consigo. Você comeu alguma coisa?

– Por que estão todos tão preocupados em saber se eu comi ou não? – Christian se irrita.

– Você comeu?

– Não!

– Você dormiu?

– Não!

– Você não pode se esquecer que tem uma filha pequena que precisa de você.

– Uma filha que vai me odiar.

– Por que você acha que a sua filha vai te odiar, Christian?

– Qual é, John? Tudo isso é culpa minha! Eu trouxe a Ana para o meio dessa sujeira que é a minha vida.

– Christian, todas as vezes que algo acontece com a Ana, nós voltamos para o mesmo ponto de partida. A culpa. Todas às vezes é a mesma coisa. Você subestima a sua esposa e coloca em dúvida o poder dela de decisão. Você diz que você a arrastou para a sua vida, quando, na verdade, ela escolheu ficar com você.

– Você está colocando a culpa nela?

– Eu estou dizendo que não há culpa! Você e a Anastasia se casaram porque vocês se amam. Ela descobriu tudo a seu respeito e, assim mesmo, decidiu ficar com você porque ela te ama. Ao dizer que você a arrastou para a sua vida, você diminui esse sentimento imenso que ela sente por você e tira dela o poder de decisão. Ao fazer isso, você a reduz a uma de suas submissas, e nós dois sabemos que um dos grandes fatores que fizeram você se apaixonar por ela, foi o fato dela não ser uma submissa.

– Não, ela nunca foi minha submissa.

– Eu sei que você está sofrendo, que está com medo, qualquer um no seu lugar também estaria assim. Mas não piore as coisas, porque não é culpa que vai trazer a Anastasia de volta pra casa. O que vai trazê-la de volta é esse sentimento avassalador que vocês sentem um pelo outro.

– Eu não sei se consigo, John.

– Agarre-se na esperança, Christian. Ela é a sua melhor amiga nesse momento. – diz Flynn. Eles são interrompidos por Elliot, que entra abruptamente no quarto.

– Christian, você precisa ver isso! – diz ele. Rapidamente, Christian e Flynn seguem Elliot.

Chegando à sala, Christian encontra Grace, Carrick, Ray e Carla em frente à TV, onde a manchete diz: ESPOSA DO BILIONÁRIO CHRISTIAN GREY ESTÁ DESAPARECIDA!!

– Como diabos eles ficaram sabendo? – pergunta Christian, furioso.

– Eu não sei, eles devem ter alguma fonte dentro da polícia.

– Não se preocupe, filho. Eu já liguei para a Andrea e pedi que ela contornasse a situação. Também avisei ao Taylor e ao Sawyer, eles vão tentar despistar a imprensa.

– Obrigado, pai! Quanto menos gente envolvida nisso, melhor. – Christian leva um susto ao sentir o celular vibrar. Ao pegar o aparelho, ele nota um novo sms. Sua espinha gela ao ler a mensagem.

Se quiser falar com sua esposa, esteja sozinho em exatos 3 minutos.

Com o coração acelerado, Christian segue para o quintal da casa. Quando Elliot tenta segui-lo, ele acena com a mão, indicando que quer ficar sozinho. No quintal, Christian não tira os olhos do celular, até que o aparelho começa a tocar. Christian atende antes do segundo toque.

– Alô! – ele diz, com a voz urgente. – Alô! Alô, tem alguém aí? Responda! – segundos de tensão se passam, até que Christian ouve uma voz que faz seu coração parar.

– *Christian?*

– Oh, meu Deus! Ana? Baby, é você?

– *Sim, sou eu.* – a voz de Ana é fraca e chorosa.

– Deus! Baby, você está bem? Está ferida? - pânico cresce em seu peito.

– *Não, eu estou bem. Eu machuquei o meu braço, mas estou bem.*

– Meu Deus, eu achei que nunca mais ouviria a sua voz! Oh, baby, eu sinto muito!

– *Não é sua culpa! Christian, me ouça! Eu te amo! Eu te amo com todas as minhas forças, eu sempre vou te amar! Sempre!*

– Do que você está falando? Ana, não fale assim! Eu vou te encontrar. Eu vou te trazer para casa.

– *Eu te amo, Christian! Cada minuto ao seu lado vale mais do que uma vida inteira sem você. Ir a aquela entrevista foi a melhor coisa que eu já fiz na minha vida.*

– Pare de falar assim, Anastasia! – Christian sente as lágrimas queimarem seus olhos.

– *Você me deu o melhor presente da minha vida. Você me deu uma filha linda, que eu sempre vou amar! Você e a Ella são as melhores coisas que já me aconteceram.*

– Você está se despedindo? Por que você está fazendo isso? – Christian já não consegue mais controlar as lágrimas.

– *Eu te amo! Nunca se esqueça disso! Tudo valeu a pena. Tudo!*

– Ana, por favor, pare de falar assim!

– *Eu te amo, Christian! Eu te amo! Eu te amo! Eu te amo! Eu te...* – e a ligação é encerrada.

Christian permanece em choque, com o celular ainda encostado na orelha. Lágrimas vertendo sem controle. Isso não pode estar acontecendo! Por que ela estava se despedindo? Christian sente como se alguém estivesse espremendo seu pulmão. Ele não consegue respirar. O celular vibra novamente. Uma nova mensagem.

** Se quiser ver sua esposa novamente, esteja no porto, cais nº 37, em exatos 30 minutos! Venha sozinho. Chame a polícia, e ela morre. Atrase-se um minuto, e ela morre. A vida de sua esposa está em suas mãos.**

Há esperança! Sem pensar duas vezes, parte em busca de Ana. Tomando cuidado para não ser visto por ninguém, Christian sai da casa sorrateiramente. Aproveitando-se da aglomeração de carros de polícia em frente a casa, Christian pega o carro de Elliot, sem ser visto.

A caminho do porto, Christian liga para Barney.

– *Alô!*

– Barney, é o Grey!

– *Em que posso ajudá-lo, Sr. Grey?*

– Eu preciso que você rastreie uma ligação. Você consegue acessar o meu celular?

– *Só um segundo, senhor.* – Barney fica em silêncio por alguns instantes. – *Já estou no seu sistema, senhor.*

– Você consegue identificar a última ligação que eu recebi?

– *Sim, senhor. Foi há poucos minutos atrás.*

– Barney, eu preciso saber de onde essa ligação foi feita.

– *Ok, só um minuto!* – mais alguns instantes de silêncio. – *A ligação veio da zona portuária, senhor.* – diz Barney, confirmando a veracidade da mensagem. – *Eu posso mandar o endereço por mensagem.*

– Faça isso!

– *O senhor quer que eu avise ao Welch?*

– Não! Não diga a ninguém.

– *Tudo bem!*

– Obrigado, Barney. – Christian desliga o celular e pisa fundo no acelerador.

23 minutos depois, Christian chega ao porto. O carro mal para completamente e Christian já salta dele, correndo em direção ao cais nº 37. A busca não demora muito. Poucos metros a sua frente, Christian identifica a placa com o número 37, indicando que aquele é o local. Ela corre na direção do cais, mas antes que possa se aproximar, um forte golpe atinge a parte de trás de sua cabeça, fazendo-o cair no chão, inconsciente.

– *Christian! Christian! Christian, acorde! Por favor, acorde!*

Ao longe, um grito de angústia começa a trazer Christian de volta à consciência. O vento gelado sopra, deixando-o com frio. Deitado de barriga no chão, ele sente a cabeça latejar. Ele passa a mão próximo à nuca e percebe que está sangrando. Com dificuldade, Christian ergue o corpo. Ao conseguir se ajoelhar, ele percebe que está na beira do cais.

– Christian! – a voz de Ana irrompe em seus ouvidos, atijando todos os seus sentidos.

– Ana. – ele olha em volta, tentando encontra-la.

– Christian, eu estou aqui! Aqui em cima! – ela grita novamente. Christian ergue os olhos e seu mundo para. Ana está dentro de um carro, um fusca, preso a um guindaste, a mais ou menos 10 metros de altura.

– Meu Deus, Ana!

– Christian, eu estou presa. Estou amarrada ao volante do carro! – ela grita, se debatendo.

Christian, então, percebe que o carro foi erguido sobre a baía. Desesperado, ele entende o contexto. Com Ana amarrada ao volante, se o guindaste liberar o carro, este afundará na baía, e Ana morrerá afogada.

– Baby, por favor, fique calma! Eu vou te tirar daí!

– Não! Saia daqui! Christian, saia daqui!

– O que? Não!

– Por favor, Christian! Saia daqui! Vá embora!

– Anastásia, pare!

– Ele vai te matar! Por favor! Ele vai te matar! – grita Ana, aos prantos.

– Do que você está falando? Quem vai me matar?

– Eu vou! – uma voz masculina surpreende Christian no momento em que ele sente o cano gelado da arma encostar em sua têmpora.

– Christian! – grita Ana, desesperada.

Christian vira-se lentamente, até encarar a figura de Lincoln Timber parado a sua frente.

– Linc. – diz Christian, entre os dentes.

– Olá, Christian! – Linc sorri, tirando a trava da pistola que aponta para a testa de Christian.

– Enfim nos encontramos.